

Enunciação crítica pela América Latina: (des)britanizar para edificação da latinidade acadêmico-descolonial

Enunciación crítica por la América Latina: (des)britanizar para la edificación de la latinidad académico-decolonial

Fábio do Vale¹

Edgar César Nolasco²

Resumo

O presente trabalho busca discernir e apresentar a necessidade crítico-epistemológica de se valorar o lugar (lócus) de enunciação atravessado pela condição de vida (*bios*) para o enaltecimento da latinidade. Esses contrapontos se fazem urgentes visto que ainda – assiduamente – a criticidade eurocêntrica arrola o cenário acadêmico latino-americano, logo, para que as fendas culturais possam ser compreendidas e, sobretudo, apreciadas, é mister que se ancore essa discussão pelas bordas que nos involucram, ou seja, que nos perpassam epistemológica e humanamente. Nos séculos pretéritos as deixas trazidas pela colonização – eurocêntrica – ainda não foram preenchidas, pois, o ancorar epistêmico grassa suas tensões grande parte das vezes pela esteira moderna. Pensar que a enunciação crítica da América Latina precisa ser valorada é dispor que as convenções cartesianas – modernas – fiquem omissas nas contribuições que nos circundam, ou seja, para que a latinidade represente nosso polo-científico-enunciativo, nossas manifestações – esteticamente – precisam partir da visada crítica biográfica fronteiriça. Para que a latinidade venha como ancoragem epistemológica veemente é preciso emergir a partir das *experivivências* e de uma sensibilidade crítico-sinestésica. Os alicerces crítico-referenciais serão: Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Edgar César Nolasco e Marcos Antônio Bessa-Oliveira cuja sustentação deste trabalho versará por disposições críticas amodernas por sensibilidades *outras*, ou seja, pela opção decolonial imbricada pela desobediência epistêmica.

Palavras-Chave: América Latina; crítica biográfica fronteiriça; latinidade; (des)britanizar; decolonização.

Resumen

El presente trabajo busca discernir y presentar la necesidad crítico-epistemológica de valorar el lugar (lócus) de enunciación atravesado por la condición de vida (*bios*) para potenciar la latinidad. Estos contrapuntos son urgentes ya que, aún – asiduamente – la criticidad eurocéntrica enlista el panorama académico latinoamericano, para que se pueda entender la brechas culturales y, sobre todo, apreciadas, es necesario anclar esta discusión por los bordes que nos involucran, o sea, que nos atraviesan epistemológica y humanamente. En los siglos pasados, las señales traídas por la colonización – eurocéntrica – aún no se han llenado, ya que el anclaje epistémico pasa sus tensiones en la mayor parte del tiempo a través de la estela moderna. Pensar que la enunciación crítica de América Latina necesita ser valorada es disponer que las convenciones cartesianas – modernas – se omitan en los aportes que nos rodean, es decir, para que la latinidad represente nuestro polo-científico-enunciativo, nuestras manifestaciones – estéticamente necesiten partir de la crítica biográfica fronteriza. Para que la latinidad se convierta en un anclaje epistemológico vehemente, es necesario emerger por entre las *experivivências* y de una sensibilidad crítico-

¹ Doutorando no Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; professorfabioletras@gmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

sinestésica. Los fundamentos crítico-referenciales serán: Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Edgar César Nolasco y Marcos Antônio Bessa-Oliveira cuya sustentación a este trabajo se basará en disposiciones críticas para amodernas por sensibilidades *otras*, o sea, por la opción descolonial imbricada por la desobediencia epistémica.

Palabras clave: América Latina; crítica biográfica fronteriza; latinidad; (des)britanizar; decolonización.

Trazer as teorizações latino-americanas (QUIJANO, 2005, p. 137) atravessadas pela crítica biográfica fronteiriça é uma necessidade – acadêmico-cultural – quando se busca enaltecer a questão da nossa latinidade. É ancorado por discussões delineadas pela crítica biográfica fronteiriça, (NOLASCO, 2015, p. 55) logo, pelo pensamento descolonial que partimos desse pressuposto amoderno para (des)britanizarmos o rito hegemônico-eurocêntrico que ainda nos atravessa como basilar-singular epistemológico. A criticidade latino-americana confunde-se e não se apraz – no que tange as questões latinas – quando se propõe uma teorização do lócus em que estamos e vivemos – *bios* – isso corrobora para a dificultosa disposição acadêmica de se angariar e edificar as tensões latinas que nos atravessa por nossas *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p. 90) latino-fronteiriças, logo o presente trabalho disporá da desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008, p. 288) para buscar – pelo sul-fronteiriço – respostas cultural-literária e epistemológica que ainda, no transcorrer contemporâneo, não foram devidamente respondidas pela academia (NOLASCO, 2013 p. 13) que nos leva a buscar uma libertação (DUSSEL, 2016, p. 52) epistemológica.

Quando as posições eurocêntricas nos são trazidas a lume da discussão epistêmica na esteira cultural (NOLASCO, 2013 p. 25) latino-americana, discernimos que temos objeto-formais que precisam ser (des)teorizados. A premissa a égide dialogal que fazemos transcorre pela enunciação *outra*, ou seja, por uma desobediência epistêmica que torna monumental a ideia de latinidade como ponto de partida. É fulcral concatenarmos nossas *experivivências* com o trâmite acadêmico que nos é posto às tensões culturais e, sobretudo, científicas por certeza dialogal que parte do Sul, ou seja, da condição periférica que somos, vivemos e enunciamos por face *outra*, logo, uma enunciação teorizada pela fronteira acadêmica, assim, latina e não moderna. O conceito (des)britanizar é por nós teorizado como *modus operandi* para enunciar que as perspectivas acadêmico-latinas não se pautam por ancoragem eurocêntrica, mas por sensibilidades crítico-sinestésicas que permitem a opção do crítico partir dos seus atravessamentos, de vida, ciência e participe transitividade acadêmica, assim, ou por isso mesmo, (des)britanizar arrola a ideia de desprendimento teórico, esclarecendo ao crítico-latino a guisa da premissa teorizadora que a modernidade muito contribui para as diretrizes eurocêntricas, mas que ao ser arrastada para o eixo-Sul, não consegue – epistemologicamente – justificar, responder e ancorar uma teorização (NOLASCO, 2015, p. 60) cujo cerne aprazível é a latinidade.

Buscar uma teorização que parta das nossas tensões – genuinamente – latinas é primariamente sabível que para se falar das diversificadas *experivivências* latino-americanas, a ancoragem precisar existir a partir desse lócus – latino-americano –, não podendo assim então, por aguardadas correspondências, ser subsidiada pelo atravessamento moderno (NOLASCO, 2013 p. 67), com finalidade epistemológica de *publicare et propagare*, a criticidade minha/nossa precisa partir desta periferia, desta América Latina (QUIJANO, 2005, p. 117), deste lócus não-eurocêntrico-epistêmico. Para tanto, (des)pensar essas estéticas postas é preciso que o manifesto, ora discursivo, ora artístico, esteja condicionado pela latinidade do genuíno homem-fronteira, cuja estética cultural está na esteira de um tom enunciativo de libertação em consonância com a ânsia de se qualificar a identidade latina por ela mesmo, não por convenção

cartesiana cabível em contrastes eurocêntrico-modernos. A difusiva deste trabalho busca ademais das convenções culturais propor que as reflexões crítico-acadêmicas grassem a indumentária latina (QUIJANO, 2005, p. 125), ou seja, a libertação responsiva de um manifesto artístico-cultural pensado em tom experienciado-científico e não por razões que não compreendem as nossas fendas abertas e acaloradas pela colonização (NOLASCO, 2013 p. 53) eurocêntrica. Logo, pensar que devemos (des)britanizar essa criticidade posta, é por desenvoltura acadêmica, fomentar a opção de vida e de sensibilidade, assim dizemos, a opção descolonial.

As convenções hegemônicas – eurocênicas – comparatistas buscam, até a contemporaneidade, nutrir a epistemologia latina por atravessamentos clássico-modernos o que fere imensuravelmente a nossa identidade (MIGNOLO, 2008, p. 289). Com o fito de explanar essas vicissitudes, a face latino-americana não poderia se ancorar em sustentações engessadas para falar de povos, culturas e tensões que por vezes foram aferidas como periféricas, subalternas, marginais e outras alcunhas desprezíveis aos olhos daqueles que endossam suas críticas por entre a posição oriunda do eixo-de-centro. Por assim pensar, sentir e refletir como latino-americano, não é prudente pensar em uma relação comparatista ou até mesmo classificativa quando o escorro científico não emerge das mesmas condições as quais somos postos diariamente no Brasil, na América Latina (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p. 90).

Fomentar esses meandros discutíveis é propor que as acepções crítico-latinas estejam decisivamente distante do ancorar moderno, partindo então para essa visada amoderna, logo, (des)britanizada. A Inglaterra por vezes ainda é vista pela massa internacional como berço das normatizações e, sobretudo, padrões, o que faz com que a apreciação mundial epistemológica se prenda também nessas convenções eurocêntrico-britânicas, dessa feita, pensar quais seriam os matizes da latinidade-contemporânea, seria urgente e sabido, (des)pensarmos qualquer modelo cartesiano-convencional, para que parta daqui, da minha/nossa América Latina, as teorizações apreciáveis com rigores atravessados pelo *bios* (NOLASCO, 2013 p. 21) e pelo lócus, sensivelmente apontando pensamentos *outros*, para que a enunciação latina parta desse corpo (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p. 93) latino-ferido-periférico, mas consistente epistemologicamente pelo atravessar do biolócus que me/nos circundam.

Ainda em tempo, deferimos a ideia de que as convenções hegemônicas são plausíveis aos seus *locis*, porém reconhecemos que os processos crítico-comparatistas e epistemológicos devam ser justos aos prelos históricos (QUIJANO, 2005, p. 129) e culturais. Para nós latino-americanos, em caso específico o Brasil, estamos atravessados por uma cultura sincrética, logo, a imagem bugresca, ou seja, do bugre, por exemplo, faz parte das nossas relações fronteiriças, uma vez que em faces limítrofe-geográficas, esses nativos cumprem não apenas papel neutro ou coadjuvante, mas sim uma intensa e rica face de pertença, notória e necessária para nós que pretendemos discernir os capítulos pretéritos, presentes e, indubitavelmente futuros da nossa condição enquanto pesquisadores da América Latina (NOLASCO, 2013 p. 16). Seja pelo (des)cortinar geográfico-representativo dos entremeios do Uruguai até a ponte final-territorial do México em fronteira-separatista com os Estados Unidos, para decodificação e disseminação acadêmica, arrolamos para esse ínterim dialogal que os impasses para chegarmos a nossa bandeira-epistêmica da latinidade então diretamente mitigados pelo afastamento crítico-moderno para um entrecruzar de fronteiras (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p. 103) epistemológicas cujo diálogo Sul, parte do Sul para o próprio Sul (DUSSEL, 2016, p. 52), harmonizando assim as feridas coloniais projetando nossa enunciação crítico-epistemológica cultural, humana e acendrada(mente) latino-americana.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, M. A. O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção! In: *Anais do Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas*. Campinas, SP: Publicação Eletrônica, 2019. v. 4. p. 1-13. (Artigo em Anais)

DUSSEL, E. Transmodernidade e Interculturalidade (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET-BETANCOURT, R. (org.). *Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208. (Capítulo de Livro)

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras: Universidade Federal Fluminense - Instituto de Letras*. Dossiê: Literatura, língua e identidade. N. 34, Niterói, RJ. 2008, p. 287-324. (Artigo em Periódico)

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAI*S: Brasil\Paraguai\Bolívia. Campo Grande: Editora UFMS, v.7, n.14, jul.\dez. 2015. P. 47-63. (Artigo em Periódico)

NOLASCO, E. C. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. (Obra Completa)

QUIJANO, A (a). Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América. In: LANDER, E. (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2005. (Capítulo de Livro)